

Introdução

A MINHA VIAGEM

Sempre me interessaram os povos e as civilizações fora da “cela da Prisão” em que vivemos; e sempre gostei de literatura de viagens, desde que a minha mãe me deu um livro – aquele – que mexeu imenso com o meu imaginário juvenil, “Os sete anos de aventuras no Tíbet”, de Alexandra David-Neel, que li e reli, muitos anos depois, na versão francesa: “Grand Tibet et Vaste Chine”. Aí passei a nómada mental e a sedentário condenado, como diz a minha filha, Catarina, para me arrelhar:

— «Sempre a pensar na próxima viagem, não paras!».

Sou caseiro e nómada, mas gosto de bater a porta e estar um mês fora sem telemóvel. Dei de caras com o meu “Outro” desde que nasci em África, onde a minoria caucasiana a que pertencia era a quinta em Moçambique. Em miúdo, esse “Outro” imaginário inicial foi o Extremo-Oriente. Esse “Outro” interessou-me imenso em qualquer versão ao longo da vida e, portanto, não é assim tão estranho ter um pai cosmopolita.

Tive a sorte de viver, longamente, em três continentes – África, Ásia e Europa. O persa de Homero, esse ainda desconhecido dos europeus e, no entanto, a viver ao nosso lado, foi o meu *best friend* nesses idos. Também gosto imenso da América, tanto do norte como de alguns países do sul, daqueles onde não mora o pecado como no Brasil, a glória portuguesa. Gosto de árabes – o que é raro nos europeus – uma matriz complicadíssima porque política e religião são do mesmo grupo de conceitos neles.